



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **A CONTRIBUIÇÃO DOS PROVÉRBIOS NA FORMAÇÃO DO “BOM ENTENDEDOR” : SUGESTÕES DE ATIVIDADES**

Andrezza Soares Espínola de Amorim  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB (dezza\_jc@hotmail.com)

### **Resumo**

Durante séculos o ensino de língua portuguesa ficou restrito ao domínio de regras ortográficas. Por questões diversas, não era uma preocupação da escola formar alunos pensantes, críticos, “bons entendedores” capazes de usar com competência a língua a seu favor, manipulando para tanto os seus mecanismos. Hoje, felizmente, a realidade é outra e a abordagem puramente gramatical da língua não corresponde mais às aspirações da sociedade. Nesse contexto, os estudos linguísticos das últimas décadas têm contribuído muito para tornar o ensino de língua portuguesa mais reflexivo e, por que não, mais democrático, baseando-se, sobretudo, nos gêneros discursivos. Dentre os incontáveis gêneros disponíveis, os provérbios se destacam como uma importante ferramenta discursiva capaz de estimular no alunado o uso consciente e crítico da língua, além de aumentar as possibilidades de trabalho do professor, visto que contemplam também cultura, valores e tradições. Com o objetivo de fomentar o trabalho com esse gênero nas aulas de língua portuguesa e, ao mesmo tempo, testar a sua aplicabilidade, algumas atividades com base em provérbios foram selecionadas e aplicadas em uma turma que apresentava baixo rendimento, os resultados foram positivos. Houve uma mudança de postura significativa por parte de grande parte dos alunos em relação aos textos propostos, o interesse pelas aulas aumentou e, conseqüentemente, os resultados melhoraram.

Palavras-chave: Provérbios, ensino, português, atividades.

### **Introdução**

Muitos dos estudantes que lotam as salas de aula não apresentam a competência linguística mínima para realizar as atividades de leitura e escrita compatíveis com cada ano/série. O problema se torna ainda mais assolador se consideramos a língua em um sentido mais amplo, não como um conjunto de regras que pode e deve ser assimilado, mas como um instrumento de inclusão e transformação social.

O conceito de leitura adotado no presente trabalho transcende a pura decodificação. Em consonância com o que propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais, concebemos a leitura como:



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

[...] processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência (BRASIL, 1998, p. 69)

Conforme corrobora Koch,

[...] a leitura é uma atividade que solicita intensa participação do leitor, pois, se o autor apresenta um texto incompleto, por pressupor a inserção do que foi dito em esquemas cognitivos compartilhados, é preciso que o leitor o complete, por meio de uma série de contribuições (KOCH, 2012, p. 35).

Assim, mais que pronunciado com todas as ênfases e pausas cabíveis, o texto precisa ser interpretado e, para isso, faz-se necessário relacioná-lo ao mundo, à vida, a outros textos e discursos.

Sobre esse assunto Battaglia (2003) afirma que: “a leitura deve fazer parte da vida das crianças, precisa ser estimulada de uma forma ampliada, que vá além apenas da leitura do código escrito. O ato de ler deve ser entendido como perceber o significado das coisas” (BATTAGLIA, 2003, p. 3). Lamentavelmente, a maioria dos nossos alunos está longe de alcançar um nível satisfatório de leitura. Tamanha lacuna pode estar relacionada a diversos fatores, dentre os quais se destacam: a concepção de ensino adotada pela escola e/ou pelo professor, a metodologia empregada e a falta de familiaridade desses alunos com os textos escolhidos ou disponíveis nos livros didáticos.

Para tentar combater o problema e aproximar os textos trabalhados da vivência dos alunos, uma boa opção é introduzir nas aulas o trabalho com provérbios. Quem nunca ouviu ou usou expressões do tipo: “Casa de ferreiro, espeto de pau”, “Quem vê cara não vê coração”, “Em terra de cego, quem tem um olho é rei” ou ainda “Quem avisa amigo é”? Expressões como essas fazem parte do nosso cotidiano, podem ser usadas nas mais variadas situações e são normalmente aceitas como verdades, assumindo um papel de autoridade dentro da enunciação. Elas integram o gênero provérbio e são tão populares quanto numerosas.



## **Metodologia**

As atividades foram aplicadas na turma do 6º ano da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Ozeias Aranha de Vasconcelos, localizada na zona rural do município de Pedro Régis – PB, alcançando um total de 17 alunos, dos quais a maioria apresenta grande dificuldade de leitura, de escrita, de articulação de ideias, além do desinteresse em relação a práticas mais tradicionais. A atividade se dividiu em 4 momentos, correspondentes a 4 aulas de 45 minutos.

A avaliação foi contínua e teve como base a assiduidade e participação dos alunos durante as atividades propostas. Os recursos didáticos utilizados foram: Xerox, datashow, notebook, quadro branco e caneta para quadro.

### 1º Momento

O primeiro momento iniciou-se com a apresentação da fábula “O leão e os três touros”, atribuída a Esopo. Após a leitura coletiva, a história foi debatida e os alunos refletiram sobre a sua moral. Feito isso, chamou-se atenção para a frase que sintetiza a moral da história: “A união faz a força”, explicando aos alunos que se trata de um provérbio.

Em seguida, explicou-se o que são provérbios e os jovens foram questionados se já conheciam o provérbio em questão, se conheciam outros e, em caso afirmativo, quais. Eles tiveram como tarefa de casa pesquisar outros provérbios, o máximo possível, com a família, livros, internet, e trazê-los para a aula seguinte.

### 2º Momento

Na segunda aula, os alunos foram convidados a apresentarem os resultados das pesquisas. Um a um eles ditaram os provérbios que encontraram, enquanto a professora os escrevia no quadro. Com exceção dos repetidos, todos os provérbios ditados foram escritos. Perguntou-se então aos alunos se havia alguma palavra desconhecida; elas foram destacadas, discutiu-se brevemente sobre o possível



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

significado de algumas delas e, na sequência, partiu-se para a pesquisa no dicionário.

Com muitos provérbios em mãos, chegara a hora de interpretar. A princípio, a proposta foi que os alunos interpretassem os provérbios “ao pé da letra”: “Cão que ladra não morde”?; “Quem ri por último ri melhor”?; “Em casa de ferreiro, espeto de pau”? Com essa atividade os alunos deveriam entender a plurissignificação dos textos e conceitos como denotação e conotação.

Depois disso, a turma discutiu sobre os possíveis sentidos implícitos no texto. Vale salientar que as leituras sem sentido aparente foram questionadas e não corrigidas imediatamente; o aluno, gradativamente, precisa perceber os mecanismos linguísticos na prática e desenvolver a proficiência leitora.

### 3º Momento

Os alunos - que nessa etapa do processo já conheciam provérbios variados e começavam a empregar a linguagem figurada, bem como a reconhecê-la - foram separados em grupos (de 2 ou 3) aos quais foi entregue uma cópia da canção “Bom conselho”, de Chico Buarque. Eles tinham que identificar os provérbios originais e, ao final, recuperar o sentido geral da letra (a música foi apresentada por meio do *datashow*).

Em seguida, distribuiu-se aleatoriamente partes de “antiprovérbios” para os grupos, exemplos: Quem ri por último – Não entendeu a piada, Em casa de ferreiro – Só tem ferro, etc, e foi dado um tempo para que eles se encontrassem, guiando-se pelo raciocínio lógico. Os estudantes deveriam perceber que essa atividade descaracterizou os provérbios, que já não produziam mais o mesmo efeito.

Explicou-se aos alunos que os provérbios representam a sabedoria popular e contemplam “verdades” e valores universais que garantem sua imortalidade. Contudo, é preciso compreendê-los para usá-los, pois eles carregam discursos que podem e devem ser questionados, como: “a corda sempre arrebenta do lado mais fraco”.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

### 4º Momento

Os alunos responderam a atividades de leitura e interpretação de textos, sobretudo com fábulas, nas quais deveriam identificar satisfatoriamente o provérbio que a elas se ligavam e explicar qual a relação estabelecida entre os dois textos. Depois, eles escolheram um provérbio entre todos os que foram trabalhados e, a partir dele, criaram uma fábula que o tinha como moral. Esses textos foram expostos no mural do colégio.

### **Resultados e discussão**

Os provérbios são artefatos linguísticos facilmente encontrados na oralidade e ricos em significação. Eles sintetizam o “saber popular” e podem nortear atividades de leitura e escrita que vão além da abordagem puramente gramatical da língua, contemplando também o folclore, a cultura, valores e verdades universais, promovendo debates interessantes e momentos de reflexão capazes de contribuir para a formação do caráter crítico-analítico do aluno-leitor. O provérbio permite ao enunciador apoiar a sua fala sobre a fala de outro. Esse outro, no entanto, não se refere a uma pessoa, mas a “uma instância valorizada e reivindicada indiretamente pelo enunciador” (MAINGUENEAU, 2013, p. 222).

Bakhtin (2011, p.294) afirma que “em cada época e em todos os campos da vida e da atividade, existem determinadas tradições, expressas e conservadas em vestes verbalizadas: em obras, enunciados, sentenças e etc”, os provérbios constituem uma dessas “vestes” citadas por Bakhtin, sendo, em algumas culturas, vistos como sinal de erudição. Os chineses, por exemplo, possuem um acervo numeroso dessas expressões e utilizam-nas em situações diversas, segundo Günther (1991: 413), apud Marcuschi (2008, p. 171), “o uso de provérbios tanto na oralidade como na escrita chinesa é um sintoma de boa educação”.

Tendo em vista contribuir para a formação de leitores proficientes, faz-se imperativo diversificar as aulas e permitir que os alunos participem do processo de ensino-aprendizagem, “dessacralizando” o espaço da sala de aula. Além disso, é



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

preciso que as atividades propostas não se resumam à identificação de informações no texto, mas contemplem também o que está nas entrelinhas, os múltiplos sentidos e as relações de poder que subjazem cada discurso e, nesse sentido, o trabalho com provérbios pode ser muito útil.

Para fomentar e, ao mesmo tempo, testar a aplicabilidade dos provérbios nas aulas de língua portuguesa enquanto ferramenta discursiva, algumas atividades foram selecionadas e aplicadas em uma turma que apresentava baixo rendimento em língua portuguesa. Os resultados foram positivos e motivadores.

Além de divertidas e prazerosas, as aulas que serviram de base para esse trabalho foram muito produtivas. Até mesmo os alunos mais relapsos e desinteressados se envolveram no processo. A participação de toda a turma foi um dos pontos mais positivos do projeto.

Juntamente com os provérbios, o alunado trouxe histórias, recuperou expressões idiomáticas como: “cor de burro quando foge na carreira”, que na verdade, segundo COTRIM (2011), é “corra de burro quando foge”, “lavei a burra”, “é o cão chupando manga”, as quais serviram de base para a diferenciação entre os gêneros.

Como era esperado, os alunos que já apresentavam melhor proficiência leitora se saíram melhor nas atividades de interpretação e, por conseguinte, sentiram mais facilidade para relacionar as fábulas aos provérbios que a sintetizavam. Todavia, os alunos que normalmente não liam nada nas aulas e não conseguiam identificar o sentido figurado no texto, esforçaram-se no sentido de atribuir sentido aos provérbios e conseguiram estabelecer pontes entre as expressões proverbiais e a vivência deles, potencializando a aprendizagem.

Mesmo os mais reticentes contribuíram com exemplos, copiaram os provérbios trazidos pelos colegas para reutilizá-los em outras ocasiões e realmente o fizeram, conforme atestaram professores de outras disciplinas. Ao final das atividades, pode-se constatar que os alunos perceberam a polifonia presente nas palavras e passaram, ainda que em um nível embrionário, a se relacionar de modo diferente com a linguagem, ampliando assim as suas possibilidades linguísticas.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A ideologia presente nos provérbios também foi muito explorada e suscitou interessantes debates. É curioso como a leitura dos provérbios foi diferente de acordo com a vivência dos alunos, um deles explicou o provérbio *Casa de ferro, espeto de pau* da seguinte forma: “meu pai é pedreiro, faz casa, faz tudo, mas nunca conserta a pia lá de casa que quebrou” (A.M.S, 11 anos). Essa leitura particular e, por que não, prática da expressão proverbial remete a Bakhtin, quando o autor afirma que “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2011, p. 265). Foi o que pudemos presenciar nessas aulas, a vida dos alunos, suas vivências, o que pode nortear, com certeza, outras atividades mais pontuais.

Outrossim, os alunos passaram a utilizar melhor os provérbios, e questionar os sentidos do texto, que antes não era uma preocupação deles, tornou-se uma atividade interessante. Esse movimento de mudança é muito valioso numa turma desmotivada, pois impulsiona o professor a investir mais nela, acreditando em resultados cada vez melhores. Nesse contexto, o trabalho com gêneros pode ser um importante aliado do professor, estimulando a autonomia do aluno nas atividades de leitura e escrita,

[...] como uma consequência do domínio do funcionamento da linguagem em situações de comunicação, uma vez que é por meio dos gêneros discursivos que as práticas de linguagem incorporam-se às atividades dos alunos (LOPES-ROSSI, 2011, p. 71).

Evidentemente, as atividades aqui sugeridas não são capazes, sozinhas, de ampliar a competência linguística dos alunos, mas servem como base para uma nova abordagem dos conteúdos, focando no entendimento, na compreensão, numa abordagem funcionalista da língua que visa formar falantes conscientes e “bons entendedores”, e não apenas em regras e normas que imprimem um caráter demasiadamente rígido aos estudos linguísticos, amedrontam e, como consequência, afastam os estudantes da própria língua materna.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## Conclusão

A escola moderna precisa encontrar formas de chamar a atenção do aluno e despertar nele a vontade de aprender. No que tange à leitura e à escrita, o estudante precisa estar envolvido no processo, conhecê-lo, pois só se aprende a ler, lendo; e a escrever, escrevendo, mas não lendo e escrevendo qualquer coisa; a leitura e escrita desses jovens precisam ter e fazer sentido.

Os alunos precisam ainda estabelecer pontes entre o seu discurso e o discurso do outro, sabendo que não precisam aceitar passivamente aquilo que lhes é exposto ou imposto. Bakhtin (2011) defende que não existe enunciado absolutamente neutro. Para o autor, nosso discurso é pleno de palavras dos outros, as quais “trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos” (Bakhtin, 2011, p. 295). Utilizar-se de provérbios é justamente apoderar-se das palavras dos outros, de modo a legitimar a sua própria palavra, mas isso requer leitura, posicionamento crítico e prática.

É cada vez mais evidente que a antiga abordagem puramente descritiva da língua já não surte efeito. Assim sendo, a adoção de atividades que partam de gêneros mais próximos aos alunos, como o provérbio, pode contribuir para a formação de leitores e escritores proficientes, explorar a língua em situações reais de uso, partindo dos conhecimentos que os estudantes já possuem.

Os provérbios, como já dito, são textos valiosos, capazes de sintetizar em poucas palavras longos discursos e, portanto, configuram um excelente recurso para trabalhar as entrelinhas dos textos. Além disso, podem ser trabalhados por meio dos provérbios conceitos como solidariedade, ética, justiça, entre outros tão caros à sociedade atual.

## Referências

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: \_\_\_\_\_. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

BATTAGLIA, S. M. F. **Leitura e literatura**. Diário na Escola. São Paulo, 2003.





# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, pp. 69 - 70.

COTRIM, M. **Berço da palavra**. In: Revista Língua. Disponível em: <<http://revistalingua.com.br/textos/64/artigo249042-1.asp>>. Acesso em 01 set. 2015.

KOCH, I. V. **Leitura, texto e ensino**. In: KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. Ler e compreender: os sentidos do texto. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LOPES-ROSSI Maria Aparecida Garcia. **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. In: Gêneros textuais: Reflexões e Ensino. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MAINGUENEAU, D. **Provérbio, slogan, ironia**. In: \_\_\_\_\_. Análise de textos de Comunicação. São Paulo: Cortez, 2013. p. 215-225.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção de texto, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.